



pedro
gerald

canto à beira do tempo

CANTO À BEIRA DO TEMPO
POEMAS



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Chanceler:

Dom Dadeus Grings

Reitor:

Joaquim Clotet

Vice-Reitor:

Evilázio Teixeira

Conselho Editorial:

*Antônio Carlos Hohlfeldt
Elaine Turk Faria
Gilberto Keller de Andrade
Helenita Rosa Franco
Jaderson Costa da Costa
Jane Rita Caetano da Silveira
Jerônimo Carlos Santos Braga
Jorge Campos da Costa
Jorge Luis Nicolas Audy (Presidente)
José Antônio Poli de Figueiredo
Jussara Maria Rosa Mendes
Lauro Kopper Filho
Maria Eunice Moreira
Maria Lúcia Tiellet Nunes
Marília Costa Morosini
Ney Laert Vilar Calazans
René Ernaini Gertz
Ricardo Timm de Souza
Ruth Maria Chittó Gauer*

EDIPUCRS:

*Jerônimo Carlos Santos Braga – Diretor
Jorge Campos da Costa – Editor-chefe*

Pedro Geraldo Escosteguy

CANTO À BEIRA DO TEMPO
POEMAS



© EDIPUCRS, 2009

Desenho de Trindade Leal – 1955

Diagramação: Gabriela Viale Pereira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

E74c Escosteguy, Pedro Geraldo
Canto à beira do tempo : poemas [recurso eletrônico] / Pedro
Geraldo Escosteguy. – Dados eletrônicos. – Porto Alegre :
EDIPUCRS, 2009.
55 p.

ISBN: 978-85-7430-932-3
Publicação Eletrônica
Sistema requerido: Adobe Acrobat Reader
Modo de Acesso: <<http://www.pucrs.br/orgaos/edipucrs/>>

1. Literatura Rio-Grandense. 2. Poesia Rio-Grandense.
I. Título.

CDD 869.9917

**Ficha Catalográfica elaborada pelo
Setor de Tratamento da Informação da BC-PUCRS**



Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 33
Caixa Postal 1429
90619-900 Porto Alegre, RS - BRASIL
Fone/Fax: (51) 3320-3711
E-mail: edipucrs@pucrs.br
<http://www.pucrs.br/edipucrs>

SUMÁRIO

Sentido	7
Fuga	8
Melopeia.....	9
Gaivota.....	10
Anunciação.....	11
O estranho.....	12
Charco.....	13
Esboço	14
Obstinação	16
Limitação.....	17
Tontura.....	19
A escalada.....	20
Canção indelével.....	21
Conto.....	24
<i>Requiem à moça acidentada</i>	25
Identificação	27
Crayon.....	28
Poema perplexo	29
Hora	30
Retrato de Bianchetti.....	31
As imagens.....	32
O fuzilado	33
Constatação	35
Lucidez.....	36
Pouso	37
O chamado.....	39
Cisão	41
Noite de lua sem sol nascente	42
Meditação.....	44
Poema de perguntas e respostas.....	46
Marinha	48
Geometria do adeus.....	49
Entrevista	50
Poema da hora parada.....	51
Princípio	53

Esta noite é do outro lado claridade...

(Augusto Meyer - giraluz)

SENTIDO

Cortei a pena secreta.

Cortei a tinta
e esse tique
de ver a imagem perfeita
de ver a cara da alma
de ver o riso da angústia.

Cortei em dois o destino
cortei a música ao meio
e atrás do corte sensato
que fez um furo na vida
que me levou onde as coisas
nem fantasmas arquitetam
fiquei parado:
era a inércia
que começava mais cedo
era que a morte já vinha
já era a sombra do nada.

Perdão, portanto, se volto
do fim da pena secreta,
se chamo tinta de tinta,
se volto ao matiz do exato
se torno ao riso da angústia
se dou destino ao destino
e assim, se canto de novo
qualquer canção que eu perceba
na pobre flauta do tempo.

FUGA

Meus fantasmas têm nome próprio,
embora vivam nas molduras abissais
do tempo
como quadros vivos ou mortos.

Nos meus dias de névoa
pressinto seus passos
de tule e pétala,
e ouço mesmo suas vozes
tagarelando fatos retidos
para sempre,
num único instante definitivos.

Vejo-os, então, com o riso que riram,
o rosto perfeito e belo
superando as idades. Estouram
gargalhadas imitando cascatas
de púrpura e cristal,
ou ressoa o pranto
de sal e marfim, renovando
o mistério.

Não ando só nos meus dias de névoa.

Mas não falo.
Nesses dias
me chamarão também pelos nomes que tenho,
e hão de me ver perambulando salas
ou na chuva, ou no vento,
recém saído do instante,
com meu riso ou meu pranto,
movendo o gesto petrificado
onde serei o que fui.

MELOPEIA

Tua tristeza subiu
minhas escadas de desconforto
através do histórico das nódoas.

Teus passos
onde apenas perambulam
espectros de chuva
retumbam nos ninhos
e observatórios
onde o radar descobre o parvo
e desperta lagartas.

Rompida a crisálida do riso
a gargalhada se transformou
em rastro e batuque.

Mas os tambores reproduziram
ritmo de maré,
maré baixa,
carregando consigo
teus tentáculos de água.

GAIVOTA

Meu náufrago
se fixou no pedaço de ilha
onde reconstrói realidade.

Mar inquieto
com olhos de suicida
se atira em minhas praias
com braçadas de alga.

Entre vento
relâmpago e onda
afloram
escaleres e velas.

Sei onde está o perigo
e a força
das soluções primitivas.

Tu és a visitante,
gaivota branca
e tuas asas já te levam.
Para te distrair
construímos torre e sinal.

Quando cansares de ver
as bússolas trágicas,
vem descansar.

Meu náufrago te entreterá
na margem de pedra.

ANUNCIAÇÃO

O homem sabia de tudo
mas preferiu flutuar
no campo das hipóteses.

Então
Veio o colega
alertar
a hora cirúrgica.

Veio o cirurgião
ponderar
o cálculo das
probabilidades
e os andaimes
da segurança.

Veio o radio-
terapeuta
delimitar
as zonas de
antiagressão.

Alguém falou no dia
quatorze de abril
e fez crescer, de súbito,
a barreira inexorável:
as horas passaram
a ser anãs
para os planos do homem.

O ESTRANHO

Não foi Heitor quem bateu.

Bateu o louco Tribino
que anda à procura da noiva
na madrugada do mar.

Quem veio aqui foi Tribino
sobraçando as cartas que
não tendo endereço certo,
vai entregando aos amigos
com palavras que aprendeu
nos botequins sem luar.

Bateu o louco Tribino!

Meninas, não tenham medo,
sua peixeira de prata
só usa, quando precisa
defender as suas cartas,
que sem endereço certo
vão se perdendo no tempo
onde a noiva se escondeu.

Não foi Heitor quem bateu.

Se fosse Heitor, era um bruxo
que nunca perde o que tem,
que não entra em botequins
onde não entra luar,
e além de tudo, é amigo,
um manso amigo do mar.

Bateu o louco Tribino
cansado de procurar.

CHARCO

Atrás da penumbra.

Dentro dela.

Ta-laque-taque

Talaque.

O som da guerla

gelada

sobe à margem do trópico,

talaque

e desce, ensopado

no ouvido da rã mínima.

Ta-laque-taque.

E o remo — talaque —

move a sombra do barco

move a sombra

move.

Talaque.

A sinalização da superestrutura

do silêncio

avisa a presença

de um corpo estranho.

Talaque.

Pode ser o começo

ou o fim do pântano

que não consta no mapa.

ESBOÇO

O nome sem destino
secou na árvore
enraizada do século.

Aos poucos.

Primeiro, quando o feudo
partiu-se.

Depois,
quando estourou
o arranco da república.

Agora, com o cerco
do truste.

Tinha o dono do nome
que vivera braço.

Tinha o homem,
filho
irmão
esposo
pai.

Tinha a tragédia do mundo ansiado,
estertorando vômitos atômicos
entre caras paradas,
gestos parados,
emoções paradas,
a inteligência estagnada.

Tinha a arte.

A música.

A tinta.

Tinha a poesia.

Mas somente a árvore legítima com
suas falas apenas entendidas pelo ven-
to e pelos pássaros — sabia o segre-
do da renovação.

OBSTINAÇÃO

Não sei se duro
três dias, três meses
ou três anos,
mas da palavra inarticulável
dou um balanço no que fiz,
e vejo que não é preciso
assinar testamento.

O máximo que consegui
foi ensinar para alguns
a técnica mínima
de abrir janelas.

(Ultimamente, ia esquecendo,
tenho uma janela para o mar)

Abrir janelas!

Por isso
meu julgamento vai ser duro
e possivelmente serei condenado
a morrer outras tantas vezes
pelos muros togados.

Mal não há.

Voltarei para afirmar
que é mais sensato o cerco do infinito.

LIMITAÇÃO

Da meada bem
complicada
saiu o fio
para a bola
do novelo.

E a agulha
de ponta torta
fez argola
fez laçada
entre suspiros
cansados
e devaneios perdidos
no passado e no futuro.

Fez-se o sapato
pequeno
e o pé
foi ficando grande:
está na casa dos vinte.

Que homem terás agora?

Qualquer um
será teu filho.

O filho que a gente sonha,
o filho que usa botas,
o filho que usa asas.

Malfeitor,
um boa-vida,
um negociante,
um artista,
um proletário decente,
um comprador de consciências.

Qualquer um será teu filho.

Deste sapato de lã,
depois escola
e conselho.

Tua casa é tão pequena
que nem chega até a esquina.

Isto que é pena.

TONTURA

Tua ausência se infiltra
neste sol de sombras densas.

Pelo rio de cimento
navego ideias agarradas
ao teu voo de condor.

Sim, digo, num solilóquio
de sonâmbulo,
desconheço a paisagem.

E das meias-palavras
surgem fantasmas que carregam
os símbolos feridos.

Deve ser honra para alguns
que se julgam no tempo.
Mas prossigo.

A ESCALADA

Tem um milagre azul no cimo da montanha.
O tempo, para quê? Fecha, pois, o diário.
Queima o diário, por intolerável
e precisas partir certo grau de leveza.
Eu fico na planície, onde as fontes se espraíam
e o arado absorve o presságio do instante.
Cantarolando pássaros. Assobiando entre cercas.

E o azul lá em cima...

A serpente vermelha
da estrada que te leva não tem corpos de pedra.
Podes ver os meus trigais até ficarem manchas.
Não haverá neblina. Teu horizonte claro
crescerá colorido em cada novo passo.
Perto — flores selvagens atrairão teus gestos
feitos de itinerário. Não penses no que eu disse.
A frase é um mau desenho de coisas
confluentes. Nunca espelha a verdade.
O concreto é melhor, embora rude e exato.
O tempo para quê? Todos estão no mesmo
indelével momento. Basta ver de mais longe.
Mais ou menos dali — perdidas as palavras,
de onde podes me ver, decepados os símbolos.
Como pesa o arado.

E o azul lá em cima...

CANÇÃO INDELÉVEL

De onde vem este murmúrio
sonoro,
instrumental,
água invisível
de uma fonte mental?

Que ritmo
rasga o véu de
silêncio
onde gestos de marionetes
se movimentam
terrivelmente sem expressão?

Entretanto o murmúrio
que vem,
sonoro,
instrumental,
se materializa
no fundo dos quadros imaturos
onde canários esquecidos
foram cobertos com raízes
do tempo.

(Os espectadores estão
enfileirados em suas
cadeiras permanentes
aguardando a terceira
pancada
que abrirá o procênio
para um silêncio
maior).

Será mesmo instrumental
esse murmúrio sonoro
ou é algo que nasce,
digamos
o mistério de transformar
objetos em seres?
Não será um mistério, isto
que já nos dá de quando em vez
a impressão
de que o autômato se ergue
no fim dos séculos bárbaros?

Quem serão esses loucos
doentes
irresponsáveis
ou, disseram, criminosos
que rindo do tempo
gozam agora o prazer da verdade,
queimam dogmas,
caminham escolas de ensinar
a ouvir
a ver
e sentir
e pensar
sem medo de morrerem assassinados?

Tão poucos que são,
tão humildes que foram
e agora esse murmúrio
sonoro
que atrai passos vacilantes
sem o auxílio do cordel
— parálíticos que andam,
plantam,

crecem,
vivem,
cantam,
amam...

Que água invisível é esta
que vibra com sabor
de poesia
nos seus anseios de liberdade?

CONTO

Chegou um próprio
da perspectiva decorada
com longas planícies
de espera.

Breve apontaria o cavalo
recém domado que arrasaria
os pastos que forjaram
distância.

Mas um bicho do diabo
tinha roído os tálamos
da única rédea disponível.

É que o tempo marca
mas não constrói, expliquei
para o futuro limitado.

REQUIEM À MOÇA ACIDENTADA

O dia tornou-se triste
porque ficaste em silêncio

Tinha um sol de meia-tarde
por entre as sombras paradas.

Os olhos da criançada
estavam sobressaltados.

Viram teu carro de flores
desfiando passos cansados.

Vieram lembranças de mortos
no pensamento de todos.

A dor passou pelos olhos
que brilhavam de alegria.

Disseram que eras boa, humilde,
franca e correta.

Correu pelos corpos vivos
um arrepio de infinito.

E a noite fechou-se, funda,
sobre o secreto cimento.

Depois veio um novo dia,
aberto, vibrante, intenso.

Passaram carros velozes
cheios de rostos alegres.

A criançada, de novo,
tudo invadiu com seus risos.

Andaram pela tua casa,
cantando! Tu, que não cantas.

Notícias recém-chegadas
eletrizaram o povo.

Nem notaram que o teu nome
estava entre as aprovadas,

quase ao lado do negrito
que anunciara tua hora.

IDENTIFICAÇÃO

Fico te olhando nos olhos,
na boca,
no corpo e no idílio,
mumificada em lembrança.

Fico te ouvindo
junto ao poço
onde matamos a sede,
já drenado em canais.

Fico passeando
a palestra transcendente,
quando apalpamos, vendados,
os contornos do sim e do não.

Poucos constatarão
que desse jogo
de esferas conjugadas
nasceu o nosso filho cósmico.

Que da nossa alquimia
sentimental
andamos ao que somos.

E que o artesanato do sutil
forjou-nos
o mesmo ponto de partida.

CRAYON

Abriu-se o arco da distância
entre o pálido e o trêmulo:

o poema
findou

rosa estrela silêncio beijo
chuva mansa na hora das barras

indecisas.

Caminhei com os últimos notívagos
e as carroças que vêm das granjas

Pequena madrugada
de pedaços de sombra e de reflexos

nas poças
d'água

Caminhei sobre coisas, arrastando

imponderáveis.

Que sede de caminhar! Como o passo

era curto
e tosco

sem te levar ao braço, tu que ficaste

inerte

rosa estrela silêncio beijo
olhando, sem ver, imagens deformadas.

POEMA PERPLEXO

Cresceu a árvore feita semente
de tragédia.

Para que gritas amor com
todas as tuas forças?

Não vês que há motim a
bordo? Coitado do livro velho
arreganhando-se em mitos
vociferando conselhos:
já tem cabeças a prêmio
e é de balde que o violino
faz contrabando de ópio.

Para que gritas amor com
todas as tuas forças?

Amor ficou protelado.

É hora apenas de ar,
de ver se a lâmina corta,
de pressentir de onde vem
a mais aguda agressão,
de ver se a água do tanque
não se esvai por algum furo,
de ir depressa no rádio
soletrar a posição
enquanto a tarde esmaece
com autênticas gaivotas.

Não te basta a incoerência
de resguardar a esperança
com gases sulfamidadas?

HORA

Estás aqui sem ver
o tempo chucro
corcoveando caminhos impossíveis.

Não há fonte que cante
nem abelhas construtivas
buscam tantas corolas
artificiais.

Estás aqui sem ver
o arco sensitivo
que vai do olhar ao gesto
neste conflito de distâncias
acumuladas
em arquiteturas assimétricas
isentas de forma.

Estás aqui sem ver
a alma triste
pairando experiências de vida
e de morte
sem amparo
e sem motivo.

Estás aqui sem ver
as coisas simplesmente encobertas
com tules de carinho
e destino.

AS IMAGENS

Fico mirando os espelhos
que retiveram o tempo.

Minhas palavras, compridas,
são sempre as mesmas: sem eco.
Vive o silêncio em *close-up*.

A mão que falou, parece
uma escultura. Olhos brilham
tão perto, que os beijaria de novo.

Alguém está na iminência
das frases definitivas,
mas tudo é sonho,
um aviso
uma lembrança imutável
da cor, da forma e do riso,
quando os braços decidiram
eliminar a vertigem.

O FUZILADO

a Garcia Lorca

Finda a noite sem defesa
cinco miras te procuram.

Escolherão
teus sentidos.
Teu coração.
Tua
alma.

Cinco miras não acertam
onde calar o poema.

Tudo pronto. O instante exato
da ordem para o estampido.

O anfiteatro do barranco
está povoado de olhos.

Ainda pulsas, parado,
cada vez mais pensamento.

Mãos vindas da eternidade
descem cortinas de vento.

Sequiosa fração de vida
prevê sereno improvisado.

Que imagem salta das armas
em busca do vulnerável
se, ante o ser e não ser,
vês o gesto submisso
investindo contra a mola?

Cinco gatilhos de sombra
retumbam de madrugada.

E rolas, — corpo e semente,
poeira de luz. Testamento.

CONSTATAÇÃO

Cobre o teu corpo
que é o veneno da volúpia
no símbolo geométrico
dos sentidos.

Nem fales
as palavras do amor
quando a ausência
da ternura
marca fronteira intransponível.

Entre nós
corre um fluxo musical
que vem de longe.

Onde estancas
a inquietude,
mão que é ninho
pássaro e voo
me reconduz ao universal.

LUCIDEZ

Louco viu na minha cara
fresta aberta para a infância.

Pegou minhas mãos nas suas
enormes mãos de menino.

Como vai dona Lalinha,
como vai o seu Domingos?

Eu quero sair do hospício
eu gosto mais de Santana.

Ai, Geraldo, que tristeza,
eu quero sair do hospício.

Como é que vai a Tereza?
Diz pra ela que te cuide.

(Teresa morreu de tifo)
Diz- pra- ela- que- te- cuide!

POUSO

Vamos parar aqui
para um minuto de repouso
ou de silêncio.

Repouso, talvez não.
Ontem partiram soldados
carregados de armas.

Silêncio, talvez não.
O ar está cheio
de experiências atômicas
porque se quer destruir muito,
muito.

Vamos parar aqui
para retomarmos
o sentido da vida.

Olhar ao redor.
Para os lados.
Para cima.

— Tu te lembras de tudo?
— De tudo.

Deixa, então, que perambularem
as imagens gravadas
com suor, sangue e sede.
As mais vividas.
As inesquecíveis.

Na verdade,
não há minuto para repouso
e silêncio.

Vamos ficar aqui
e preparar
a árvore, a pedra
e a estrela
que outros virão em breve,
como nós,
marcados com suor, sangue e sede.

Como nós.

O CHAMADO

Carpinteiros
pedreiros
médicos
marinheiros
também tu,
coveiro,

temos trabalho!

Conclamam-nos
para refazer
a obra desfeita
a estrada desfeita
a consciência desfeita.

Vinde de todos os lados,
artífices,
semeadores,
tratoristas
também tu,
homem de mão no bolso.

É preciso debater-se
em todos os detalhes
as razões pelas quais
a obra está desfeita
a estrada desfeita
a consciência desfeita,
para que tudo
não aconteça de novo.

Acorrei com vossos instrumentos
preferidos
com vossas reservas de entusiasmo
com o braço disponível,
sem ódio, sim,
sem ódio.

Porque a reconstrução
da obra desfeita,
da estrada desfeita,
da consciência desfeita
é trabalho de amor.

E sobre os escombros
o tom da rosa é amarelo.

CISÃO

Houve um silêncio de asas.

Pés singraram mar de areia
intacta.

Palavras soltas, de chamada,
não tiveram eco.

Estamos perdidos.

E somos diferentes
o que torna grave demais o caminho
labiríntico
onde imagens brutais
mistificam esqueletos do tempo.

Resta um monólogo exausto
onde brilhou o diálogo.

Das duas vezes duas
dimensões do nosso código de ética
ficou o espaço angular
da dor e do tédio.

Morre, sem paz, o minuto.

NOITE DE LUA SEM SOL NASCENTE

O homem sentado
no arco invisível
preso na abóboda
azul-celeste
se divertia.

Tudo lá embaixo!

(Mas tão distante)

Eis quando as cordas
que sustentavam
as asas tensas
foram crescendo.
E o arco enorme
foi se agrandando.

Subiu
a noite.

Cresceram nuvens
tapando lua
cobrindo estrelas.

E veio o vento
gelando a pele,
queimando a pele
vibrando
agudo
nas longas cordas
emaranhadas
na fuselagem.

Não tinha rede
no fundo cego
mas tinha sede
de água gelada
de luz dourada
sede de gente
subindo escada,
sede de beijo
na testa fria
sede de cama
que descansasse
as mãos exaustas
presas nas cordas
agigantadas.

E tinha fome
de ver a terra
desde o balanço
preso no espaço,
zunindo o vento
com seus motores
de mil cavalos.

Foi quando veio
lâmina escura
brusca, violenta,
consciência adentro,
e este silêncio
que a gente sabe
que não tem fim.

MEDITAÇÃO

Agora o mistério de ser
caminha entre barrancos
antes de ter horizonte
na inquietude de crosta.

Geometria do cálculo.

Álgebra emotiva.

O imprevisto.

A cor e o
cinza.

Toda a felicidade gira em torno
do eu.

Eu quero.

Eu penso que penso.

Eu medito.

Eu pago.

Eu amo.

Quando se fala em nós
o horizonte se abre
e a gente perde os companheiros
da escalada.

Os que falam em nós são de um mundo
diverso.

Tudo é tão vasto
que a solidão se multiplica.

POEMA DE PERGUNTAS E RESPOSTAS

— Por onde, mesmo, estiveste?

— Por este mundo.

Silêncio

de remotos pensamentos.

Mudaram tanto teus olhos!

Mudaste o gesto. O sorriso.

as mãos que tens... De quem são

tantos dedos tartamudos?

Solta o canário da grade,

abre, escancara a janela,

mas diz:

— Por onde, mesmo, estiveste?

— Por este mundo.

Vazio

o azul do céu inda espera.

Espera! — Onde está teu beijo?

E o canto, a canção, o poema

que vinha quando tu vinhas

e que saltava na frente

numa alegria de galgo?

Fala, — por onde estiveste?

— Por este mundo.

Que coisa

estranha, parar-se a gente

a fazer tanta pergunta.

Serás mesmo a que partiu,

(tarde de cravos vermelhos!)

o corpo, que eu modelara,

a alma, que eu surpreendera,

o desejo (que eu furtara)?

Por que esses olhos de tonta?
Por que essa boca diversa,
por que toda essa aparência
que te apresenta de novo?
Apenas porque te foste
por este mundo.

Que mundo?

MARINHA

A onda
veio crescendo
de muito longe,
firme,
direta.

Seria o colo
de um cisne manso
na praia inerte.

Fomos ficando
muito pequenos.

Certo momento
Só vi teus olhos.
depois do corpo
depois da alma.

Só vi teus olhos.
Onda levou-nos.
Subtraiu-nos.

Sobrou passado:
as tatuíras
areia adentro.

GEOMETRIA DO ADEUS

O adeus
ficou sendo o próprio gesto
entre o sol
e a sombra
que decoravam a perspectiva

Visto de longe
foi se perdendo
em torso e bandeira.

Visto de dentro
foi sendo nuvem
foi sendo vento
foi sendo seca,
braço pendente,
passo sem bússola.

Visto de cima
foi procurado
com toda a força
que têm os olhos
quando procuram.

Mas não foi visto.

ENTREVISTA

Que pena o eu tem do nós
com suas esferas diluídas,
com metafísica própria,
com seus olhos que vão longe
e os seus abraços de mundo.

Suas vozes esquisitas
de anacoreta e de gnomo,
e até em sua anatomia
de limites imprecisos
se multiplicam destinos
de estradas ao mesmo tempo
nos caminhares tranquilos
de botas de sete léguas.

Que pena o eu tem do nós
quando se falam nas esquinas
em entrevistas de vento
e símbolos de infinito.

E o nós, — que não tem palavras
de magia transitória,
sofre ser nada e ser tanto,
e assim como faz o mar
amolda frases de espuma
para a criança brincar.

POEMA DA HORA PARADA

Agora vieram as manhãs pálidas,
o verde anêmico,
o vento fazendo redemoinhos sem
expressão.

Quando batem,
o coração não salta,
os olhos não procuram encontro,
não há o preparo
do corpo e do espírito.

Caminho, sim, nas manhãs pálidas.

Descobri o campo.

Descobri a encosta.

Descobri o topo do morro.

Descobri o horizonte-sul
e o horizonte-norte.

Tenho às vezes a impressão
que virá uma mensagem
de cor e inquietação,
que ficarei oprimido,
que me libertarei com violência
e sonho.

Um certo tédio me avassala,
como o do mineiro
que agora vive ao sol,

como o do pescador de pérolas
jogado na montanha,
como o domador de tigres
ante as feras humildes,
e tenho um gesto
de impetuosidade e desagravo.

Nas minhas manhãs pálidas,
é como se jogasse tinta ao mar
para ver as ondas rutilantes.

PRINCÍPIO

Quando fechei o livro
carne
sentido
e alma,
era sábado.

E tarde.

Tão tarde que os
itinerários
estavam impedidos
e era proibido
boêmios
nas estradas do silêncio.

E era noite.

Tão noite
que todas as estrelas
tinham terminado
e os rios, cansados
de serem cantados
e utilizados
para mover moinhos
e acionar turbinas,
encolheram os braços
no fundo da areia.

E estava frio.

Tão frio
que o carvão
tirado das minas
com o suor dos mineiros
impacientes
com a impunidade
do tempo
lento
já não queimava
no espaço impregnado
de gases pesados.

E estava longe.

Tão longe
que os olhos extenuados
começaram a ver
o outro lado da vida
onde há carne
sentido
e alma.

Onde é cedo.

Tão cedo que os
itinerários
estão sendo feitos
e os boêmios
amanhecem
para criar coisas novas.

E dia.

Tão dia
que o pólen
de todas as flores
amarelas
vermelhas
e azuis
se reuniu
para formar outra vez
as centelhas de luz.

E quente.

Tão quente
que as labaredas
dos braços vivos
movimentaram rios
reanimaram terras
brilharam carvões
milenários.

E era perto.

Tão perto
que eu vi o tempo
saltar com asas
grandes demais
na minha hora
tão ínfima.